ELOGIO
FUNEBRE
DE
BELCHIOR DO REGO
DE ANDRADE
FEITO PELO
MARQUEZ DE VALENÇA.

LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impreſſor do Eminent. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. XXXVIII.
Com todas as licenças neceſſarias.

1
FS

LISBOA OCCIDENTAL

DE VANDYKE

PERCHIOK DORESCO

DE

LONDRES

ELOGIO FUNEBRE
DE
BELCHIOR DO REGO
DE ANDRADE.

HUma das muitas fortunas do Reynado do Grande D. Joaõ o V. foy a vida empregada no ſeu real ſerviço do Deſembargador Belchior do Rego de Andrade, e huma das poucas deſgraças deſte Auguſto Principe foy a morte de hum Miniſtro taõ completo. Naõ me atrevera a dar tal louvor ás ſuas virtudes, ſe a republica perdera em Belchior do Rego hum Senador inteiro, ſabio, indepẽdente, e authorizado, pois com eſtes dotes, e qualidades para o exercicio das letras tem o noſſo Monarcha muitos miniſtros nos ſeus tribunaes. Naõ faltaõ Bartolos, e Baldos, que entendaõ os textos, e conciliem as ſuas antinomias, que comprehendaõ os apices de direito, e que exercitem em beneficio dos bons, e caſtigo dos máos a jurisprudencia. Naõ faltaõ Ariſtides, e Catoens, que no Areopago, e Senado de Lisboa conſervem no ſeu vigor o reſpeito, e gravidade da Toga. Mas naõ ſaõ eſtas as circunſtancias principaes, que fazem ſaudoſa a memoria de hum miniſtro. Entaõ he deſejado o ſeu nome, e ſentida a ſua falta, quando a ciencia ſe acompanha do arbitrio prudente, quando o

modo, e a modeſtia ſe vem em toda a fortuna, e com todos os homens, quando naõ he mais prompto o caſtigo para a culpa, que o premio para a virtude, quando o favorecer he por natureza, e o caſtigar por obrigaçaõ do officio, e com violencia do genio. Eiſaqui o que praticou ſempre Belchior do Rego deſde que começou a ſervir a patria.

Se louvamos nos miniſtros a limpeza de maõs, que louvores devemos dar a Belchior do Rego, que naõ ſó teve as maõs limpas, mas liberaes, naõ ſó maõs de miniſtro incorrupto, mas de homem o mais generoſo? Foy ſó no que faltou á moderaçaõ, com que vivia, pois ſe naõ contentou com dar como homem particular, e como miniſtro, em quem parece melhor o deſapego, que a grandeza: podendo repartir pelos pobres os ſeus ordenados, e neſta repartiçaõ moſtrarſe hum miniſtro eſmoler, e caritativo, paſſou a deſpender todos o ſeus bens no ſoccorro da pobreza. Sabemos que Seneca naõ tomou os conſelhos, que deo ſobre o deſprezo das riquezas; porque ainda que era Filoſofo, era miniſtro de hum Imperador, ſendo mais facil o deſintereſſe para naõ adquirir as riquezas, q̃ a independencia para naõ as conſervar. Como para os animos liberaes he a menor dadiva o dinheiro, naõ ſe ſatisfez Belchior do Rego com ſoccorrer os pobres, ſenaõ com naõ aceitar dos ricos: pareceolhe pequeno emprego para a ſua liberalidade remediar a miſeria ſem accreſcentar a abundancia: por eſta cauſa naõ recebia muitos ordenados, e propinas, que lhe tocavaõ, e naõ cobrava dos ſeus cazeiros parte da renda, que lhe deviaõ: nunca executou devedor, ainda que tiveſſe meyos para ſe pagar da ſua divida: ſempre conſervou os meſmos rendeiros ſem aumentar as fazendas, que lhe traziaõ; em fim excedeo muito a independencia de Attico por mais q̃ a pinte com taõ finas cores a penna de Cornelio Nepote.

A' li-

A' liberalidade das maõs, que podéraõ ſervir no corpo de Alexandre, ſe juntou a generoſidade do coraçaõ: ſer liberal conſiſte na diſtribuiçaõ do dinheiro, e ainda mais em deſprezallo que em repartillo: ſer generoſo tem mayor eſfera para ſe exercitar eſta virtude; naõ baſta favorecer ſem eſtimar, nem eſtimar ſem diſtinguir. Todos querem naſcer honrados, mas poucos viver honradores: todos deſejaõ ſer illuſtres como as eſtrellas, mas poucos ter a ſua benefica natureza. Belchior do Rego em nada poz tanto cuidado, como em attender á honra dos homens, e diſtinçaõ das peſſoas. Pertendia que houveſſe a meſma differença de jerarchias na terra, que ha no Ceo, e que os homens ſe governaſſem pelos eſtilos, que ſe governaõ os Anjos. Sei que achando todos em Belchior do Rego huma ſingular benevolencia, o ſeu reſpeito, e o ſeu obſequio ſó o applicava á primeira nobreza: foy o Miniſtro, que mais a ſervia com as ſuas letras, e que mais a obrigou, e recõmendou com os ſeus arbitrios. Naõ ſe póde dizer facilmente a attençaõ, e cortezia, com que tratou os cavalheiros: quando o arguiaõ de naõ frequentar o Paço, reſpondia que aquelle lugar ſó era proprio dos fidalgos. Que mayor prova deſta eſtimaçaõ, que naõ occupar o aſſento de Regedor, que naõ ouvir a Miſſa dentro do Oratorio da Relaçaõ, ſenaõ de fora com os mais miniſtros, entre os quaes eſcolhia antes ſer com[illegible]heiro, que ſuperior?

Nem a compaixaõ á deſgraça, nem o reſpeito á fortuna lhe embaraçavaõ adminiſtrar a juſtiça, provandoſe a inteireza do ſeu animo no zelo diſcreto, mas livre, e efficaz, com que aconſelhava ao ſeu Principe. Ditoſo Principe, que tinha hum Miniſtro, que lhe fallava com liberdade; mais ditoſo Miniſtro, que tinha hum Principe, que avaliava a liberdade por ſerviço. Muito honra o noſſo ſeculo acharſe eſta virtude nos tribunaes; mas muito mais encontrarſe o premio della nos palacios. Jul-

gar honras, vidas, e fazendas ſó o pode fazer com louvor quem tiver grande affecto á honra, quem ſouber que ſó a honra eſtá primeiro, que a vida, e quem reparar que a vida ſe expoem por alcançar a fazenda. Todo eſte conhecimento teve Belchior do Rego por muitos principios: pela nobreza, com que naſceo, pela honra, que conſervou, e pela fazenda, que repartio, ſendo meyo para zelar a dos outros deſprezar a propria. Se paráraõ aqui as ſuas virtudes, ainda o bem publico podia convalecer deſta ferida. Parece fabuloſa a expediçaõ, que eſteMiniſtro deo ás partes,pois he neceſſario fingillo hum Argos com cem olhos, para que podeſſe ver os papeis, que lhe mandava o noſſo Principe, e hum Briareo com cem maõs para eſcrever tantas repoſtas. Naõ he a ciencia, e o deſintereſſe a primeira parte de hum miniſtro; naõ he a candidez, e o modo o primeiro attributo de quem governa; he a brevidade de deſpachar, e a preſſa de deferir. Oh ſe as eſtalagens, os hoſpitaes, e as portarias fallaſſem! Mas que importaõ as vozes ſem os ouvidos? Podéra Belchior do Rego ſer taõ expedito em deſpachar, e deixar muitos feitos ſem deſpacho para os ſeus ſucceſſores.Se he muito para admirar que hum miniſtro empregado ſó em hum tribunal naõ prejudique as partes com dilaçoens, qual deve ſer a admiraçaõ de toda a Corte vendo a Belchior do Rego o mais prompto nos deſpachos, e o mais occupado nos lugares da republica? Que percepçaõ dos negocios, e delicadeza de conſciencia moſtra eſta expediçaõ, e deſembaraço? Que conhecimento do valor, e inconſtancia do tempo? Que attençaõ ao cabedal, e paixoens dos homens? E que reſpeito á fragilidade da paciencia, que coſtuma faltar, quando he mais preciſa aos pretendentes? Excede todos os exemplos, que deo Belchior do Rego aos ſeus companheiros,deſpachar hum unico feito,que tinha em ſua caſa, eſtando já deſconfiado da medicina; mas naõ

me

me detenho em ponderar eſta acçaõ, pois ſe na morte os mais deſejaõ ſer bons, que maravilha he que os bons procurem ſer perfeitos?

Porém como naõ baſta deſpachar com brevidade, ſe ſe naõ deſpacha com ciencia, e rectidaõ, he neceſſario que nos lembremos dos grandes pleitos, que Belchior do Rego ſentenceou como Miniſtro dos Aggravos, e que defendeo como Procurador da Coroa. Onde ſe vio o amor da juſtiça votando contra as conveniencias dos poderoſos, e do ſeu ſoberano, e o zelo da fazenda real defendendo os intereſſes do ſeu Principe? Como Juiz era o mais ſolido nas ſuas ſentenças, como Procurador Regio era o mais ſutil nos ſeus patrocinios. As ſuas repoſtas pareciaõ de oraculo por breves, e naõ por confuſas: as ſuas duvidas, reparos, e objecçoens eraõ hum nó Gordiano, que naõ podia cortar a agudeza dos engenhos. Com tudo os litigantes naõ deſejavaõ outro Procurador da Coroa; porque ſe arriſcavaõ as ſuas cauſas, naõ perdiaõ o ſeu tempo, nem a ſua authoridade: perdas, com que naõ póde a fortuna do vencedor, quanto mais a deſgraça do vencido. Para Belchior do Rego fazer graças, e merces baſtava que houveſſe quem lhas pediſſe. O mais, que chegou a dizer ou a verdade, ou a liſonja de Plinio, foy que a Trajano naõ conſtou adverſidade, que elle naõ remediaſſe com promptidaõ. Mas ha grande differença de remediar deſgraças a ſatisfazer deſejos, e he menos ſer compadecido, para que os homens vivaõ ſem oppreſſaõ, que liberal, para que vivaõ com proſperidade. Nenhum motivo havia para Belchior do Rego naõ favorecer a todos: ſe era pobre, para o livrar do abatimento: ſe era rico, para o conſervar na fortuna: ſe era benemerito, para lhe premiar a virtude: ſe era indigno, para lhe encubrir o defeito: ſe era illuſtre, para lhe accreſcentar a veneraçaõ. No exercicio da amizade foy ſingular; naõ teve competidor, ſenaõ no

tempo de Pylades, e Oreſtes, e temo que naõ tenha imitadores por ſerem mais os exemplos da ingratidaõ, que os da boa correſpondencia. Conſervou ſempre os amigos, que elegeo, porque ſabia pelos conſelhos de Cicero, e de Seneca que era taõ difficultoſo o eſcolhellos, como perigoſo o deixallos, e que ſe os bons ſaõ o premio, os aleivoſos ſaõ o teſtimunho da amizade.

Em nenhuma circunſtancia luzio tanto Belchior do Rego, como no dom do conſelho, porque era dotado de grande prudencia para encaminhar os negocios, de feliz memoria para ſe valer das doutrinas, e ſucceſſos, que tinha obſervado: além deſte cabedal para ſer bom conſelheiro tinha hum arbitrio taõ abundante de meyos termos, que naõ havia para elle labyrinto de duvidas ſem muitos fios, por onde ſe livraſſe o ſeu engenho, e deſafogo. Ao dom do conſelho ſe lhe unio o dom da brevidade com ventagem ao Laconiſmo dos Lacedemonios, pois eſta naçaõ ſó a tinha no dizer, e Belchior do Rego no dizer, e no obrar. Fallava como entendia, eſcrevia como fallava: naõ cuidava no ornato das palavras como Filoſofo: conſervava o caracter de Miniſtro, que em nada deve ter ſuperfluidade, pois conforme a opiniaõ de hum bom Auctor a eloquẽcia viveo ſempre entre muitos vicios, e foy mais damnoſa, que util aos ſeus profeſſores. Eſtes dotes fizeraõ a Belchior do Rego naõ ſó famoſo na jurisprudencia, mas na politica, fallo da chriſtã, e da que compete a hum Senador, que antepoem o zelo á dependencia, e a ſinceridade ao artificio. Que homem ha amante da virtude, e da aura popular, que deſeje a fama de Tiberio, o nome de Tacito, a memoria de Machavelo? Que importa que eſtes homens ſejaõ os oraculos das razoens de eſtado, ſe ſaõ os meſtres das ſemrazoens do governo? Nenhum deſtes males continha a politica de Belchior do Rego; attendia ao reſpeito do Principe, olhava para o bem dos vaſſallos, queria a republi-

publica florente, e os particulares com alivio; procurava extinguir os vicios, e naõ os homens; contentava-ſe com a ſua emenda, e naõ aſpirava á ſua perfeiçaõ; em fim comtemplava a juſtiça em todas as ſuas partes, mas naõ exercitava ſó a punitiva, que no fiel da ſua balança tanto ſe ha de pezar o vicio, como a virtude.

Naõ tenho fallado atégora com diſtinçaõ nas letras de Belchior do Rego por me parecer ocioſo, vendo os muitos tribunaes, em que ſervio em tempo de hum Rey ſabio, e reſtaurador das ciencias. Além de que como poderia Belchior do Rego ſer hum Miniſtro taõ conſultado do ſeu Principe, taõ reſpeitado dos ſeus companheiros, taõ invejado de alguns homens, e taõ amado de outros, ſe naõ foſſe hum jurisconſulto da primeira ordem, conhecido por tal na ſua naçaõ, e nas eſtrangeiras? Quando ſe louva hum General, já ſe ſuppoem, que he valeroſo; quando ſe louva hum Principe, já ſe ſuppoem, que he magnifico; aſſim quando ſe louva hum Senador, já ſe ſuppoem, que he ciente. Mas foy letrado Belchior do Rego com aquella circunſtancia, que ponderou Tacito na vida de Agricola, de quem diſſe que conſervára, o que era mais difficultoſo, a moderaçaõ no ſaber. Naõ ſaõ mais perigoſas as riquezas para os avaros, que as ciencias para os doutos: por iſſo quando a Eſcritura fallou na ſabedoria uſou da palavra ſobriedade, para enſinar que ella he taõ neceſſaria nos eſtudos, como nos alimentos, e para viver com laude, como para viver com innocencia. Ninguem ſoube mais pela confiſſaõ dos meſmos miniſtros, que Belchior do Rego: ninguem o moſtrou mais nos ſeus empregos, porque eraõ muitos, de grande conſideraçaõ, e de differentes naturezas: ninguem o occultou mais nas ſuas praticas, e diſcurſos; tudo ſe via nelles, menos a oſtentaçaõ, e jactancia de letrado, imitador da modeſtia de Socrates, que affirmava que ſó ſabia que naõ ſabia, ou lembrado, e temeroſo de

que

que ſe naõ aproveitáraõ as ciencias infuſas, como haõ de valer as adquiridas.

Deſpachava Belchior do Rego a toda a hora em ſua caſa, e fóra della continuava o meſmo exercicio. Naõ dizia como muitos: Eu tenho caſa, em que fallo, eu tenho tribunaes, em que deſpacho, eu tenho conſultas, a que reſpondo, eu, ſe ſou miniſtro, ſou homem, ſe a republica depende do meu trabalho, a minha familia neceſſita do meu deſcanſo. O certo he que ſó Belchior do Rego ſoube entender, e praticar as obrigaçoens de hum Miniſtro publico, porque deſpachava na cama a pezar do ſomno, na meſa a pezar do regalo, na viſita a pezar da attenção, na rua a pezar da liberdade, nos dias feriados a pezar de todo o alivio da natureza. Sim, que eſtá primeiro a ſaude publica, que a dos particulares, e a vida do reyno, que a dos miniſtros. Nunca ſe alterou Belchior do Rego pela multidaõ dos memoriaes, pela injuſtiça das pretenſoens, e groſſaria dos pertendentes, ſempre conſervou o meſmo ſemblante, a meſma voz, o meſmo acerto de palavras, a meſma ſuavidade de repoſtas: os humildes ſahiaõ da ſua preſença julgando que eraõ mais do que cuidavaõ, e os illuſtres que naõ eraõ menos do que entendiaõ: os pequenos com favores, os grandes com obſequios, e todos ſem queixa, quando a juſtiça impedia os beneficios. Aquella loucura de pouco tempo, aquella inimiga de todo o conſelho, ou aquella conſelheira de toda a ſemrazaõ, e tyrannia (digo a ira, e o furor) nunca entrou no coraçaõ de Belchior do Rego.

Lembravaſe Belchior do Rego do que diſſe aquella velha ao Imperador Adriano, vendo-o impaciente com o ſeu requerimento: Pois renuncia o teu miniſterio, já que renuncias a tua obrigaçaõ. Se Antigono diſſe a ſeu filho que o reynar naõ era mais que hum nobre cativeiro; que eſperaõ os miniſtros deſte tempo? Que ſeja liberda-

berdade para as togas o que he cativeiro para as purpuras? Governado por eſtas maximas admittia Belchior do Rego a toda a caſta de peſſoas, e lhe fallava com muito ſoffrimento, e manſidaõ, pondo tal advertencia neſta primeira parte de miniſtro, que ſoube tirar a ſoberba ao mando, e a vileza ás pertenſoens, pois quem obſervava a brandura, e humanidade, com que reſpondia aos homens, perſuadiaſe que o poder naõ era taõ grande fortuna, e a dependencia tamanho caſtigo.

Como as virtudes ſaõ como as graças, que ſe daõ as maõs humas ás outras, deraõſe as maõs as virtudes moraes, e chriſtans de Belchior do Rego. Naõ ſó foy eſmoler, mas conſeguio a virtude de ſaber entender ſobre o pobre, remediando muitas peſſoas de bom naſcimento, a quem naõ cuſta mais o padecer, que o confeſſar a pobreza. Mas para que ſe naõ perdeſſe a utilidade do bom exemplo, dava eſmolas publicas, em que evitava o eſcandalo de ter muitos bens ſem os repartir, quando eſte he o fim porque Deos permittio em huns a miſeria, e em outros a abundancia. Naõ parava aqui o fogo da ſua caridade, naõ ſó ardia na materia dos pobres, reſplandecia no culto das imagens, e das Igrejas, áquellas offerecia alampadas de prata, a eſtas ornamentos de muito preço. No ſeu bairro naõ havia neceſſidade ſem refugio, nem havia o ſeu princip[illegible] eſtrago, que he a honra perdida ſem remedio. As ſuas eſmolas naõ ſe extendiaõ ſó a cubrir a deſnudez, a matar a fome, a recuperar a ſaude, e a reſtituir a liberdade, chegavaõ com religioſo deſperdicio a dotar donzellas ou para o eſtado de caſadas, ou de freiras. Eſtas ſaõ as eſmolas, que confeſſaõ os agradecidos; quantas ſeraõ mais as que calem os ingratos, porque o pejo de agradecer he mayor que o de pedir? A' caridade com os outros ſe ſeguia naõ a exercitar comſigo Belchior do Rego, porque era muy deſcuidado da ſua peſſoa, mais abſtinente que parco na meſa, muy moderado

do

do no veſtido, e nas alfayas da ſua caſa, de ſorte que ſe Socrates naõ tinha mais que hum pallio, elle naõ tinha mais que huma toga, e ſe Epitecto ſe alumiava com hum candieiro de barro, elle ſe alumiava com outro de taõ vil materia. Em premio da caridade de Belchior do Rego ficaraõ quando morreo as ſuas maõs flexiveis, que tanto ſe abriraõ para os pobres; ficou aquelle roſto agradavel, que nunca o moſtrou mao á miſeria, nem ao proximo. Foy acompanhado de pobres á ſepultura, em caixaõ humilde, e de manhã para evitar até a pequena vaidade das honras funeraes; levou o ſeu cadaver as inſignias de vencedor do mayor inimigo, com que combate a natureza humana, e por cuja vitoria, e triunfo ſe aſſemelha á Angelica.

Morreo Belchior do Rego de 67. annos de idade, tendo occupado os mayores lugares da republica, os quaes unidos em hum ſó homem naõ honraõ menos os attributos do noſſo Principe, que a memoria deſte Miniſtro, pois moſtra o favor deſta uniaõ o conhecimento que S. Mageſtade tem dos ſeus vaſſallos, o cuidado de premiar a virtude, a confiança de naõ recear o muito poder, a benevolencia, e liberalidade de multiplicar as honras, e facilitar os deſpachos a quem o ſerve. Muito de propoſito deixei de fallar na origem de Belchior do Rego, porque hum homem, que deſprezou a ſua poſteridade, naõ eſtima a ſua aſcendencia; e ſe os pays merecem mayor reſpeito, os filhos conſeguem mayor amor. O que ſuppoſto, baſtará dizer deſta familia para teſtimunho, e elogio do ſeu ſangue, da ſua nobreza, da ſua diſtinçaõ, do ſeu merecimento, dos ſeus honrados principios, e louvaveis progreſſos, que ſervio ha mais de hum ſeculo a ſempre Real, e hoje coroada Caſa dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

LICEN-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

As grandes virtudes do Deſembargador Belchior do Rego de Andrade naõ pediaõ menor Panegyriſta, que as elogiaſſe; e aſſim como aquellas ſaõ dignas de eterna memoria, aſſim eſte Elogio merece eternizarſe no prelo; porque naõ contem couſa alguma contra noſſa ſanta fé, e bons coſtumes. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos deſcalços 17. de Abril de 1738.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o Elogio, que ſe apreſenta, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar lincença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 18. de Abril de 1738.

Fr. R. de Lancaſtro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO

7
FS

DO ORDINARIO.

POde-ſe imprimir o Elogio, que ſe apreſenta, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 18. de Abril de 1738.

Gouvea.

DO PAC,O.

SENHOR.

VI o Elogio, de que trata a petiçaõ preſente, e me pareceo digno de outro a elle ſemelhante. Aſſim anda a excellente penna de ſeu Excellentiſſimo Auctor verſada nos acertos, que antes vem a enſinar as cenſuras, que a offerecerſe a ellas, e com taõ abonadas experiencias, que em tudo o que eſte grande Auctor eſcreve, ſó o que ſe lhe retarda no lido, ſe lhe ſuſperde no elogiado. Aſſim me convenço que induſtrioſa a ſua bem meditada idea com o intereſſe de figurar os elogios proprios bem deſempenhados ſe occupa em autorizar aſſumptos alheyos. E quem nelle taõ ſabia, erudita, e elegantemente diſcorre, naõ podia incorrer no erro de proferir couſa, que encontraſſe o real ſerviço de Voſſa Mageſtade. Aſſim me parece muitas vezes digno de que honre a eſtampa para credito da materia, e intereſſe da leitura. Eſte he o meu ſentir. Voſſa Mageſtade ordenará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental em 21. de Abril de 1738.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as lincenças do ſanto Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, e taixar para que corra ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 28. de Abril de 1738.

Pereira. Teixeira. Coelho.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
5
ABR
41
Nº de Reg. 2839

BIBLIOTECA